

O PORTOMOSENSE TAUROMÁQUICO

**1983 ANO DO ARRANQUE
DA NOVA PRAÇA DE TOIROS!**



REFLEXÕES SOBRE UM ANIVERSÁRIO

"Agora ou nunca"!

Como o nunca é, gramaticalmente, um adverbio de negação, há que excluí-lo já, neste ano de 1983, da nossa temática:—o arranque da praça!

Entretanto, em plena "temporada alta", vai comemorar-se o 1.º ANO DE VIDA de uma Cooperativa Tauromaquica, em Porto de Mós.

Para já, impõe-se que (até ao final deste mês de Junho) esteja definitivamente elaborado o respectivo programa para o dia, ou (porque não?) para a SEMANA DO ANIVERSÁRIO DA C. T. P.

Este programa deverá compreender manifestações ou iniciativas que demonstrem a eficiência dos nossos aficionados portomosenses.

Dado que, neste momento, estou ausente de Porto de Mós (e uma vez que ainda me não foi enviado qualquer projecto de programa, pela Direcção da C.T.P.), só numa das próximas rú-

bricas poderei divulgá-lo.

ETELVINO LAUREANO, UM TOUREIRO POR MÉRITO PRÓPRIO

Há toureiros que se "fabricam"; outros, que se "inventam"! Até em Sevilha se "fabricou" um CURRO ROMERO, como sabem V.as Ex.as, Srs. Aficionados.

Porém, este concelho tem um filho chamado Etelvino Laureano—que foi colhido quase mortalmente, em Madrid, na "PLAZZA DE LAS VENTAS"—conhecido em todos os meios taurinos, como um dos melhores novilheiros do seu tempo. Actuou no continente da América e no da África, sem falarmos na Europa, onde se apresentou a matar novilhos (plaza de Pañoleta—CAMAS), cortando 2 orelhas. Vários livros se lhe referem, com palavras deste teor:

.../... "O capote, as bandarijhas e a muleta nas suas mãos têm uma apreciável aplicação, muitíssimo louvada por essas praças fora.../...

e, animado por uma vontade forte, lá marchou para Sevilha em Janeiro de 1947". (1)

.../... "Mandado por Feliciano Pontaré, Etelvino empenhou-se na sua luta e começou por se instalar em Sevilha". (2)

Etelvino Amado, ou Etelvino Laureano, ou ainda "Xabregas" (porque os Lisbonenses diziam que ele era de lá), também foi conhecido por Etelvino de "Azambuja" (pois os Azambujenses chamavam-lhe seu natural).

Porém, há 2 anos, quando falava com este competente director de corridas (dos dias de hoje) e valente toureiro (do passado) perguntei-lhe casualmente: "Óh Etelvino você nasceu em Azambuja ou em Xabregas (Lisboa)?"

"Bem, para lhe ser franco, eu nasci no concelho de Porto de Mós, de onde saí aos 7 anos. Mas tenho a maior parte da família em Azambuja e trabalhei em Lisboa." Eis, pois, como—sem querer—se encontra um portomosense célebre!

ETELVINO AMADO LAUREANO E A SUA CARREIRA ARTÍSTICA!

Como o espaço, para falar da carreira artística desta glória do toureio, que foi o nosso conterrâneo Etelvino Laureano, não se comportaria a uma simples rubrica, ficamos por aqui e voltaremos—talvez em tempo de defeso—a referir este e outros nomes que se nos impõem.

(1) "LISBOA DAS TOURADAS", pág. 355 .

(2) "AZAMBUJA E A SUA CULTURA TAUROMÁQUICA", pág. 42.

J. S. FAUSTINO ÂNGELO

6

ALFREDO DE MATOS

transmissão. Para começar, qual a naturalidade de D. António Pinheiro: Portomosense?

Admito, compreensivamente, que alguém ponha olhos, arremelgados de espanto, sobre aquele ponto de interrogação. Isto é a coisa mais natural e inevitável em todos aqueles que souberam da terra de nascença de D. António Pinheiro pela mesma forma e jeito que tiveram notícia da sua própria naturalidade:—o testemunho familiar, ou o de pessoa, tida e havida como responsabilmente apta para dizer a verdade—e se deixaram ficar à sombra cariciosa desta fácil certeza mociça.

A minha primeira fonte informadora foi desta qualidade e tipo. Depois, vieram confirmá-la, em seu real valor, as leituras feitas ao correr dos anos. O primeiro livro que o fez, chama-se "Um Bispo Segundo Deus", escrito por Vitorino da Silva Araújo—homem que sabia o que fazia, tanto escrevendo no seu gabinete, como dando aulas de latim no Liceu. Na pág. 279, ao ocupar-se de D. António Pinheiro, afirma sem pestanejar: "era natural de Porto de Moz"...

A segunda obra, foi "O Couseiro". No capítulo 129, reza o livro, ao mesmo propósito:... "clérigo natural da villa de Porto de Moz".

A confirmação desta afirmativa teve seguimento noutros estudos, ou menos vulgarizados ou de menos autoridade histórica. Mas, também, veio a hesitação. Foi quando me caiu nas mãos a 2.ª edição de "O Couseiro". Nela, afirma o editor que suprime todo o pormenor que principia em "era natural", alegando que a parte suprimida não vinha do punho do autor. Com tão escrupuloso respeito por este, o responsável pelo golpe, não teve pejo de deixar a frase num despropósito gramatical como este:... "foi eleito para este (bispado de Leiria) D. António Pinheiro, que actualmente era bispo de Miranda, Clérigo"! Limitando-se a isto, não se atreve a negar o facto, asseverado anteriormente.

Ao plano oscilante da hesitação, sucede a rampa da dúvida, respeitavelmente fundada, como passo a dizer. Lançou-me nela a consulta de uma obra de história cujas confirmações se tornam dignas de acatamento, por mérito da autoridade reconhecida ao autor; e, juntamente, por ele e estribar em documentos da melhor procedência. Na língua em que foi escrito, o livro chama-se "Histoire de Sainte-Barbe". Foi seu autor Jules Quicherat, que fez mais trabalhos de investigação histórica.

É na pag. 137 do 1.º tomo da obra de Quicherat, que se atribui a António Pinheiro a naturalidade portuense. Em que se terá ele baseado para isto? No próprio António Pinheiro? A pergunta vem ao acaso porque a afirmação de Quicherat é a primeira de uma série delas, contidas na mesma frase, que ele autêntica, declarando haver-se baseado na "epistola" que António Pinheiro, quando aluno do Colégio de Santa Bárbara, dirigiu a Diogo de Gouveia, a abrir o seu excepcional estudo sobre Quintiliano. Por não ter encontrado o estudo em causa, aqui estou eu sem poder

À JANELA DO PASSADO

D. ANTÓNIO PINHEIRO

ALFREDO DE MATOS